

A circulação de Apuleio

: uma questão pertinente

Edélcio Rodrigues Alonso Filho

Bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Bacharelado em Letras: Latim pela Universidade de São Paulo (USP).

Resumo

Este artigo tem como objetivo explorar o estudo da circulação do livro *O asno de ouro* de Apuleio durante a Alta Idade Média, destacando a sua intertextualidade e a importância do aprofundamento de conhecimento acerca de sua circulação para a história da literatura. Considerando a transição do rolo de pergaminho para códice durante os séculos finais da hegemonia romana no Ocidente como essencial para a preservação do texto, percebemos que há um deslocamento temporal até que os textos preservados desta forma voltem a fazer parte do conhecimento erudito ocidental. Posto isto, é impressionante o número de menções feitas à obra de Apuleio durante o período em que deveria estar longe dos olhos dos escritores, o que sugere uma possível circulação dentro do universo europeu. Todavia, é inconsistente afirmar isto sem que haja maiores explorações sobre este fenômeno e suas possibilidades. É necessário um levantamento mais detalhado do assunto e este estudo propõe que seja dada mais atenção à peculiaridade da história de transmissão desse texto tão importante para o desenvolvimento do gênero cômico no Ocidente.

Palavras-chave Comédia – Literatura – Circulação – Apuleio – Medieval.

Submissão

20/12/2022

Aprovação

09/04/2023

Publicação

18/06/2024

The Circulation of Apuleius: A Relevant Question

Abstract

This article aims to explore the study of *The Golden Ass*' circulation during the Early Middle Ages, highlighting its intertextuality and the importance of the acquisition of more knowledge about its circulation for the history of literature. Considering the transition of the scroll to codex during the last centuries of Roman hegemony in the West as essential for the preservation of the text, we realize that there is a time shift present until the preserved texts were able to be a part of the Western scholarly knowledge again. That said, the considerable number of mentions made to Apuleius' work during the period where it should have been out of the eyes of writers is impressive, which strongly suggests a circulation within the European universe. However, it is inconsistent that we can affirm this without further exploration of this phenomenon and its possibilities. Further exploration of the subject is necessary and this study proposes that greater attention should be paid to the peculiarity of the transmission history of this text which is pivotal for the development of the comic genre in the West.

Keywords Comedy – Literature – Circulation – Apuleius – Medieval.

La circulación de Apuleyo: una cuestión pertinente

Resumen

Este artículo tiene como objetivo profundizar en el estudio de la circulación del libro *El asno de oro* de Apuleyo durante la Alta Edad Media, destacando su intertextualidad y la importancia de la profundización del conocimiento acerca de su circulación para la historia de la literatura. Considerando la transición del rollo de pergamino al código durante los siglos finales de la hegemonía romana en Occidente como esencial para la preservación del texto, nos damos cuenta de que hay un desplazamiento temporal hasta que los textos conservados de esta manera pasan a formar parte del conocimiento académico occidental. Dicho esto, es impresionante el considerable número de menciones que se han hecho a la obra de Apuleyo durante el período en que debería haber estado lejos de los ojos de los escritores, lo que sugiere fuertemente una circulación dentro del universo europeo. Sin embargo, es inconsistente que afirmemos esto sin más exploraciones de este fenómeno y sus posibilidades. Es necesaria una mayor exploración del tema y este estudio propone que se preste mayor atención a la peculiaridad de la historia de transmisión de este texto, tan importante para el desarrollo del género cómico en Occidente.

Palabras clave Comedia – Literatura – Circulación – Apuleyo – Medieval.

Introdução

Podemos considerar a comédia enquanto uma produção de ordem cultural que se tornou presente nas diversas sociedades humanas, sendo um construto de usos paradoxais, muitas vezes mutuamente excludentes e antitéticos, que se manteve marginalizada por seu caráter popularesco. Entendendo o riso como produto almejado da comédia, podemos vê-la como algo inerentemente humano, desde sua produção até suas características do que é constituído como risível. Para que ela alcance o riso é necessário o fator de eco, tornando-a uma experiência de teor definitivamente social.

Um fator que influenciou os desenvolvimentos culturais de ordem cômica é o fenômeno do jogo. A ideia do jogar como um elemento perene de raiz social, associado aos fenômenos igualmente importantes do mito e do rito,¹ essenciais para o desenvolvimento de todas as sociedades humanas, fez com que fosse valorizado um elemento lúdico. O destaque do lúdico ocorreu de tal maneira que podem ser entendidos nele os meios de expressão mais clássicos da comédia: o teatro e a sátira, sendo esta uma brincadeira focada especialmente na seriedade de um indivíduo específico, fazendo com que, por meio de tal desenvolvimento, houvesse um efeito catártico: o riso.²

Pensando ainda acerca do desenvolvimento da comédia enquanto gênero literário, um de seus marcos é a associação com a prosa. Este fenômeno ocorreu pelos idos dos séculos I e II d. C., localizado dentro dos intermeios do Império Romano, presente nos textos de Sêneca, Petrônio e de Apuleio. Tomando Apuleio como norteador, por ter sido preservado integralmente, podemos observar o quanto ele pôde influenciar textos religiosos e cômicos em um recorte de mais de doze séculos.³ Entretanto, ainda restam dúvidas acerca do processo de transmissão do texto entre os séculos VII e XI d. C.

1 A associação da sacralização do riso, presente de maneira substancial especialmente na sociedade grega com o deus Gelos, é de importância substancial para compreender a conexão da comédia com a religião. Para um estudo interessante destas características, cf. MACEDO, J. R. “*Risus/Ritus: o riso e o sagrado nas culturas antigas*”. *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Universidade/ UFRGS/ Editora Unesp, 2000. p. 31-50.

2 A tese acerca do elemento lúdico como prelúdio do teatro é presente em Huizinga. O lúdico como essencial para o riso é proveniente de Bergson. Cf. HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018 e; BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. Trad. Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018.

3 Para maiores informações acerca da transmissão de Apuleio e suas influências comprovadas, cf. GAISSER, J. H. *The fortunes of Apuleius and the Golden Ass: a study in transmission and reception*. Princeton: Princeton University Press, 2008. e CARVER, R. H. F. *The Protean ass: the Metamorphoses of Apuleius from Antiquity to the Renaissance*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

Observando textos que mencionam Apuleio, representações de sua figura e críticas expressas ao seu pensamento, podemos inferir que há potencial para investigação sobre uma possível circulação de seus escritos no espaço europeu, entre sua estadia na biblioteca da família de Salústio, comentador latino do século IV d. C., e o período em que foi copiado pelos monges de Monte Casino.

Para comentar acerca deste fenômeno de ausência e presença, abordaremos brevemente um histórico do desenvolvimento da comédia enquanto gênero literário, perpassando a produção de *O asno de ouro* e comentando suas influências em menor escala. Após isto, lembraremos os textos que mencionam e fazem presente a figura de Apuleio e seus escritos, comentando em um último momento acerca das possibilidades deste estudo de circulação, motivando esperançosamente que se faça palpável o interesse pelo aprofundamento dos estudos acerca do fenômeno de transmissão de *O asno de ouro*.

Uma breve história da comédia greco-romana

O livro mais conhecido de Apuleio intitulado *Metamorphoses* e apelidado de *O asno de ouro*, por Agostinho de Hipona,⁴ é uma obra marcante dentro da literatura europeia e mundial por seu papel no desenvolvimento da comédia e do romance como os entendemos hoje. Além disso, é essencial para nossa compreensão acerca do domínio romano no Norte da África e como influência ocasional para o início da patrística cristã. Para tratar essa obra de forma justa, é necessário expor a sua trajetória de influências e transmissão para que possamos ter uma compreensão aguçada acerca de seu papel dentro do contexto europeu.

Iniciemos falando sobre as suas heranças cômicas: *O asno de ouro* se dispõe como uma obra descendente das produções cômicas da tradição greco-romana. Tal tradição tem início biforme no campo de expressões culturais distintas, sendo estas o teatro e a escrita. No campo teatral, podemos postular sua origem por volta do século V a. C.,⁵ tendo como principais expressões as obras de Aristófanes, autor de peças como *As nuvens*, *Os sapos* e *As aves*, que normalmente são caracterizadas por sua irreverência perante as figuras importantes de Atenas e por um elemento satírico abundante, marcas características do início da comédia no teatro. Menandro é outra figura digna de nota, autor do século IV a. C. e famoso por peças como *O Discolo*, foi o porta-voz de uma

4 SANTO AGOSTINHO. “O que merece fé nas metamorfoses humanas devidas aos demônios?”. *A cidade de Deus, parte II*. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 509.

5 HARVEY, P. (Ed.). *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1937. p. 115-116.

expressão diferente de Aristófanes, focada em uma comédia de costumes que se baseia em tipos cômicos, desviando seu olhar da política a fim de direcionar seu enfoque para a relação entre as personagens, se distanciando da comédia escrita por Aristófanes.⁶ Ainda neste tópico, na segunda esfera, relativa à escrita, se destacam duas figuras, um satirista e um contista: Menipo de Gadara e Aristides de Mileto; sendo seus formatos característicos dos séculos III e II a. C., respectivamente.⁷

Os estilos de Menipo e Aristides são próximos, embora variados em sua disposição de escrita. Enquanto o escritor de Gadara se propunha a tecer obras com um estilo misto entre a prosa e o verso, tornando seu enfoque o elemento satírico (normalmente criticando um tipo social por meio de uma personagem), Aristides mantinha seu enfoque em contar um número variado de narrativas, tendo temáticas variadas entre Eros e Tália, entre o erótico e o risível, ajustando-as para que se formasse uma narrativa extensa composta de pequenas historietas conectadas.

É importante ressaltar que, neste segundo século antes de Cristo, se desenvolveram certas nomenclaturas que utilizamos até hoje. Em especial as do teatro, havendo distinção entre a Comédia Antiga de Aristófanes e a Comédia Nova de Menandro pelos gramáticos alexandrinos, possivelmente com destaque para Aristófanes de Bizâncio.⁸

No contexto romano, temos o início da comédia postulado no teatro, sendo seus primeiros autores de renome Plauto e Terêncio, localizados no tempo de Aristides de Mileto.⁹ O primeiro se ocupa em transcrever os modelos de Menandro para dentro da esfera romana, tornando-se um dos originadores da chamada *fabula palliata*, utilizando de narrativas ambientadas em esfera grega, de modo menos comprometido em exercer grandes mudanças. Já o segundo se ocupa em trazer algumas inovações em termos de espaço para diferentes personagens.¹⁰

Surgem duas inovações de nomenclatura no século seguinte. A primeira é expressa por Varrão que, ao inspirar-se em Menipo de Gadara, descreve suas obras como sendo *saturnae menippeae*, obras de sátira menipeia.¹¹ A segunda se dá pela tradução de Lúcio

6 Cf. HUNTER, R. L. *A comédia nova da Grécia e de Roma*. Curitiba: Editora UFPR, 2010. p. 13-16. O livro também aborda as diferenças estruturais da Comédia Nova.

7 HARVEY, P. (Ed.). *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1937. p. 266, 273. Para descrições mais detalhadas dos estilos destes dois cômicos, cf. BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Barueri: Forense Universitária, 2010. p. 126-133 e; FRYE, N. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 305-309.

8 SANDYS, J. E. *A history of classical scholarship: from the Sixth Century B. C. to the end of the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1903. p. 125-130, 139.

9 HUNTER, R. L. *A comédia nova da Grécia e de Roma*. Curitiba: Editora UFPR, 2010. p. 17-21.

10 HUNTER, R. L. *A comédia nova da Grécia e de Roma*. Curitiba: Editora UFPR, 2010. p. 17-21.

11 Cf. PETRONIUS. *Satyrical*. Trad. Robert Bracht Branham; Daniel Kinney. Londres: University of California Press, 1997. p. xvii-xviii.

Sisenna da *Milesiaka*, de Aristides, utilizando o título de *Milesiae fabulae*, contos milésios.¹²

Embora haja um vazio de comédias dentro do século I a. C. no contexto romano, temos algumas inovações no primeiro século da era cristã. São presentes neste período dois grandes derivados da sátira menipeia, sendo estes o *Apocolocyntosis divi Claudii*, de Sêneca, o Jovem e o *Satyrica*, de Petrônio. Ambos ainda são caracterizados por possuírem uma estrutura mista de prosa e verso,¹³ convenção que só seria ultrapassada por Apuleio.

É interessante mencionar, mesmo que brevemente, a questão da relevância de personagens sagradas dentro destas narrativas.¹⁴ Enquanto Sêneca narra uma situação na qual um César é impossibilitado de ser deificado, tornando-se uma abóbora – claramente uma irreverência –, Petrônio traz Priapo, divindade responsável por guardar os jardins, como agente motor da narrativa, em clara designação paródica aos romances de tipo grego, como *Quéreas e Calírroe*,¹⁵ tornando-o um dificultador e criador de situações cômicas aos seus protagonistas ao invés de auxiliá-los, aparecendo na narrativa de forma esporádica, porém perene. Suas narrativas possuem mais mesclas com outros elementos do desenvolvimento cômico romano, como certas características da *fabulae atellanae* e dos mimos. Ambas são estruturas teatrais de menor expressão, caracterizadas por menor rigor estético das tradições teatrais e maior propensão ao caráter popular da comédia, utilizando-se de temas mais próximos do erótico e das suas supostas raízes nos cultos fálicos,¹⁶ característica ubíqua em poemas greco-latinos associados a Priapo e chamados adequadamente de priapeias.¹⁷ Todavia, todas estas comédias têm um aspecto

12 HARVEY, P. (Ed.). *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1937. p. 396.

13 Tal estrutura é característica e pode ser interpretada até de forma filológica. A própria ideia de *satura* indica “mistura” dentro do vocabulário latino. Acerca deste traço das sátiras menipeias, cf. AQUATI, C. “Introdução”. PETRÔNIO. *Satíricon*. Trad. Cláudio Aquati. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 7-12. e QUERIQUELLI, L. H. M. et al. “Introdução”. SÊNeca. *Abobriificação do divo Cláudio: edição bilingue*. Trad. Luiz Henrique Milani Queriquelli et al. São Paulo: Iluminuras, 2022. pp. 11-41.

14 Para maiores informações acerca do papel das figuras sagradas nas comédias romanas, cf. SILVA, L. P. da. *Rindo do sagrado: as práticas religiosas femininas nas obras de Juvenal e Petrônio (séc. I - II d. C.)*. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011 e; FANTACUSSI, V. A. *O culto da deusa Ísis entre os romanos no século II - representações nas Metamorfoses de Apuleio*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

15 Acerca de maiores informações sobre a relação da *Satyrica* com o romance grego, cf. AQUATI, C. *O grotresco no Satíricon*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

16 Para maiores informações acerca da estrutura destes atos teatrais, cf. HARVEY, P. (Ed.). *The Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1937. p. 54, 274.

17 Para maiores informações acerca da priapeia, cf. OLIVA NETO, J. A. *Falo no jardim: priapéia grega, priapéia latina*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

em comum dentro do cenário romano: o seu caráter moralizante¹⁸ e o fato de seus finais continuarem sem a morte de grandes personagens; esta última sendo uma característica presente desde a comédia grega.

Podemos pensar em uma figura posterior a Sêneca e Petrônio que possui valor para a escrita de *Metamorphoses*: a figura de Luciano de Samósata, escritor sírio-romano de livros gregos, que se baseou na tradição de Menipo para escrever materiais que se relacionam de maneira assombrosa com a visão de mundo perpetuada pela filosofia cínica.

Permanece vivo o debate de uma possível influência de Luciano na escrita de Apuleio, simbolizada por um livro atribuído classicamente ao primeiro, nomeado *Lucio*, ou *O asno*. Todavia, não há fontes concretas de sua autoria para estabelecer esta ligação de forma absoluta. Essa hipótese é mencionada aqui como meio de reconhecer a possibilidade desta influência, mesmo não sendo o objeto de nosso estudo.

É inexorável comentar que a comédia sempre foi um gênero popularesco que se baseava em uma espécie de revés, de modo a atenuar possíveis tensões presentes nas sociedades em que prosperou.¹⁹ Tal comportamento também se mantém presente na atualidade, uma vez que boa parcela das produções realizadas desde a Antiguidade nos remete à ridicularização de diferentes estratos sociais, a fim de humanizá-los de maneira igualitária. Comediógrafos como Plauto elaboravam vitupério de igual medida para o senhor e para o escravo, não fazendo distinção entre os dois tipos de indivíduos. Este caráter de subversão e criticismo, que utiliza o mecanismo de inversão de papéis diversas vezes, faz com que se estabeleça um aspecto que relaciona tais fenômenos com uma espécie de certeza de mudança social, reforçando como as estruturas que cercam nossas sociedades são frágeis e amedrontando aqueles que as comandam.

A importância e transmissão de Apuleio

Apuleio, filósofo, suposto feiticeiro e estudioso da literatura greco-romana, foi um escritor de família razoavelmente opulenta da Numídia, que teve a oportunidade de entrar em contato com esses textos em suas viagens pelo Mediterrâneo e por seu interesse nos cultos de mistérios. Escreveu propriamente em seus anos mais avançados

18 Para maiores informações acerca da presença da moral na comédia latina, cf. DUCKWORTH, G. E. “Thought and Moral Tone”. *The nature of Roman comedy: a study in popular entertainment*. Norman: University of Oklahoma Press, 1994. p. 272-304.

19 Acerca da presença cômica enquanto revés social, cf. MACEDO, J. R. “*Risus/Ritus*: o riso e o sagrado nas culturas antigas”. *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Universidade/ UFRGS/ Editora Unesp, 2000. p. 31-50.

de vida, em especial sua obra filosófica *De deo Socratis*, escrita em grego, e seus dois maiores textos latinos: *Apologia*, sua suposta defesa de uma acusação de feitiçaria, e o foco de nosso estudo, *Metamorphoses*.

Metamorphoses, como já comentamos, é uma comédia em prosa inspirada na tradição greco-romana, em especial na sátira menipeia e nos contos milésios, sendo normalmente caracterizada como um conjunto desse último, produzida no final do século II d. C.

Embora seja interconectada por diversas narrativas diminutas que cercam a sua história principal, a narrativa mais presente no texto segue o protagonista Lúcio, suposto parente de Plutarco.²⁰ Lúcio está passando pela Tessália a negócios, ficando instigado ao ouvir a história de um transeunte chamado Aristômenes e começando sua busca por maior conhecimento mágico. Foi hospedado na casa de Milão e de sua esposa Pânfila, tornando-se amante da serva da casa, Fótis.

Após sofrer uma brincadeira da cidade em honra ao deus Risus e presenciar Pânfila se transformar em um pássaro por meio de um elixir, Lúcio tenta imitá-la com a ajuda de Fótis e é transformado em um asno. Em seguida, é roubado e passa por uma quantidade absurda de adversidades, mas acaba sendo induzido a comer uma guirlanda de rosas durante um festival em honra a Ísis e volta a ser humano. O livro se encerra com Lúcio regozijando depois de ascender em seu posto religioso, enquanto conhecedor dos mistérios de Ísis e de Osíris.²¹

Metamorphoses é uma obra de grande importância para a história da literatura que acaba sendo diminuída enquanto texto formador do romance por ser uma comédia. Ou seja, é recebida com pouca apreciação crítica pelos pensadores eruditos. Outro motivo que leva à sua desvalorização é o papel pequeno que exerce no cânone agostiniano, sendo mencionada uma vez de maneira crítica e por seu suposto apelido, que caiu no gosto dos críticos modernos, *Asinus aureus* ou *O asno de ouro*.

Todavia, sua importância se dá exatamente por sua trajetória, considerando que este é o único romance latino a sobreviver integralmente.²² Foi pivotal para o desenvolvimento das chamadas “novelas de moldura”,²³ estrutura presente nas obras

20 Tal informação nos é dada logo no início do texto, mencionada pelo narrador-protagonista. Para tal, cf. APULEIO. *O asno de ouro: edição bilíngue*. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 39.

21 Baseamo-nos na seguinte edição: APULEIO. *O asno de ouro: edição bilíngue*. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.

22 Embora o termo “romance” seja bem mais recente, utilizamos tal terminologia pois é a mesma utilizada por nossa bibliografia. Para a descrição em que nos baseamos, cf. GAISSER, J. H. *The fortunes of Apuleius and the Golden Ass: a study in transmission and reception*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008. p. xi.

23 A nomenclatura de “novelas de moldura” é cunhada por Wolfgang Kayser. Para mais informações acerca desta estrutura literária, cf. KAYSER, W. *Análise e interpretação da obra literária: introdução à ciência da literatura*. Coimbra: Sucessor, 1963. p. 311.

recém-valorizadas como parte integral do cânone ocidental para o desenvolvimento da literatura no continente europeu.²⁴ Destas influenciadas por Apuleio, destacamos *O decamerão*, de Giovanni Boccaccio, *Os contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer, *A vida de Gargântua e de Pantagruel*, de François Rabelais e *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes.²⁵

É justo comentar, ao menos como caráter expositivo, que ele é embebido em um mundo no qual o riso possui um caráter sacralizado e fortemente relacionado com os cultos de fertilidade que motivaram a sua expansão dentro do universo greco-romano. Dado esse fato, podemos relacionar vários aspectos, incluindo a figura do protagonista como parte deste mundo.²⁶ Tais características dificultaram a sua recepção dentro do universo cristão, por um lado. Mas, por outro lado, o que o salvou do ostracismo foi o seu caráter alegórico, embebido com uma mensagem moral que é característica da comédia romana, como nos diz Duckworth.²⁷

Além disso, embora houvesse um consenso acerca da transcrição de *O asno de ouro* de rolo para códice, sendo um ato de resistência das elites pagãs contra a cristianização crescente do Império Romano, estudos recentes levantam a hipótese de sua transcrição ter sido motivada pelo seu valor alegórico tanto para pagãos quanto cristãos. Ou seja, como meio de representar um evento presente em um cânone religioso, de modo a não referenciá-lo diretamente, mas sim indiretamente por meio de um uso simbólico externo ao mito. Há de se expor que o responsável pela transição de formato para *O asno de ouro*, um possível pagão de nome Salústio, tinha por mestre Endeléquio, que temos certeza que era cristão. Posto isto, é improvável que a motivação pagã pudesse ser aquiescida por uma figura de origem cristã.²⁸

24 Graças à crítica literária de base marxista, em especial aos desenvolvimentos de Walter Benjamin e de György Lukács, foi possível ter uma revalorização da comédia enquanto força motriz para o desenvolvimento do romance. Tal movimento também ocorre na historiografia, especialmente motivado pelo início dos *Annales*. Para os textos base sobre tal correlação, cf. BENJAMIN, W. *Obras escolhidas, vol. 1: Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987; LUKÁCS, G. *Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2021 e; FEBVRE, L. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

25 Embora tanto o trabalho de Rabelais quanto de Cervantes não sejam propriamente “novelas de moldura”, suas estruturas narrativas são amplamente derivadas das bases de seus predecessores europeus, sendo estes Chaucer e Boccaccio.

26 Aqui retomo a discussão levantada por José Rivair Macedo. Para se inteirar desta fascinante elaboração acerca da visão do riso, cf. MACEDO, J. R. “*Risus/Ritus: o riso e o sagrado nas culturas antigas*”; “*Christus Agelastus: o riso e o pensamento cristão*”. *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/ São Paulo: Ed. Universidade/ UFRGS/ Editora Unesp, 2000. p. 31-72.

27 Cf. DUCKWORTH, G. E. “Thought and Moral Tone”. *The nature of Roman comedy: a study in popular entertainment*. Norman: University of Oklahoma Press, 1994. p. 272-304.

28 Este argumento acerca da influência da alegoria pode ser encontrado no segundo capítulo do livro já mencionado de Gaisser, cf. GAISSER, J. H. “Exemplary Behavior: The Golden Ass from Late Antiquity to

Retomando *O asno de ouro* em caráter de recepção, vejamos a sua trajetória de representação, abordando tanto as suas menções como obra quanto as menções ao seu autor, Apuleio, a fim de verificar qual poderia ser o significado destas representações e menções. Vale destacar que será feita distinção sobre os dois corpos de trabalho do autor, sendo abordado aqui somente o cânone ocidental de escrita latina, nomeado por Gaisser como *literary tradition*, em contraste com a *philosophical tradition* de escrita grega.²⁹

Sabemos pouco do período antes da transição de formatos no século IV d. C., dado que este é o século em que há número mais abundante de menções a sua pessoa e de resquícios acerca de sua representação, ao menos assim o é até a Renascença. Outro fator que dificulta menções anteriores, mas que comprova sua popularidade inicial, pode ser atribuído ao elemento de oralidade que a literatura latina era associada e, especialmente, as produções de caráter popular, devido ao fenômeno da *recitatio*, amplamente abundante desde o período tardo-republicano.³⁰

É importante mencionar que neste primeiro momento temos duas formas principais de identificação de Apuleio: como mago e como filósofo. Cada uma é advinda de um contexto variado, sendo a primeira dentro da polêmica cristã e pagã e a segunda inserida dentro do cânone oriental. Iremos perpassar brevemente a questão oriental e seus desenvolvimentos até a transcrição de Salústio, partindo daí para tratar exclusivamente do espaço ocidental.

A nossa menção mais antiga do cânone cristão é presente na obra de Lactâncio, intitulada *Institutiones Divinae*. Ao criticar Hiérocles, aristocrata do reinado de Diocleciano, por perseguir os cristãos, Lactâncio menciona que é surpreendente ele não tomar Apuleio como um feitor de milagres tão amplos quanto Cristo.³¹

Esta menção denota questões interessantes, pois é feita por um compatriota de Apuleio, uma vez que Lactâncio também era proveniente da Numídia. Ela nos diz de

the Prehumanists”. GAISSER, J. H. *The fortunes of Apuleius and the Golden Ass: a study in transmission and reception*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008. p. 40-75. Sobre uma breve descrição do processo de transcrição do rolo e suas incógnitas, cf. CARVER, R. H. F. *The Protean Ass: the metamorphoses of Apuleius from Antiquity to the Renaissance*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 13.

29 As obras filosóficas de Apuleio, escritas em grego, tomaram maior forma e foram guardadas em acervos fora do espaço romano. Por tratarmos especificamente de *O asno de ouro*, a tradição oriental não interfere de maneira direta com a nossa proposta. Acerca destas desenvolvimentos, cf. GAISSER, J. H. *The fortunes of Apuleius and the Golden Ass: a study in transmission and reception*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008. p. 40-43.

30 Sobre a presença da oralidade na literatura latina, cf. LEITE, L. R. “Difusão e recepção das obras literárias em Roma”. SILVA, G. V. da; LEITE, L. R. (orgs.) *As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens*. Vitória: EDUFES, 2013. p. 83-100 e; OMENA, L. M. de. “Riso e encenação nas *Metamorfoses* de Lúcio Apuleio”. *Phoenix*, v. 18, p. 76-97, 2012.

31 Sobre a relação de Apuleio com o cristianismo, cf. CARVER, R. H. F. *The Protean Ass: the metamorphoses of Apuleius from Antiquity to the Renaissance*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 17-30.

uma fama generalizada de Apuleio enquanto mago, embora ela possa muito bem ser localizada geograficamente no contexto núpida. É possível que esteja presente já na discussão das polêmicas cristãs, embora só apareça inicialmente neste texto. É importante também perceber os círculos de ausência desta discussão, que podemos inferir como sendo as rodas de alta discussão romana. Isto é visível pela ausência de qualquer menção a uma biografia de Apuleio, o que denotaria que foi visto como importante pela elite intelectual e pagã romana.³²

A segunda menção que temos é feita por Jerônimo em suas cartas. Nessas, critica Porfírio de Tiro, filósofo neoplatônico, que afirmou em seu *Aduersos Christianos* que as maravilhas feitas pelos apóstolos também haviam sido feitas por Apuleio.

Repara-se que a visão acerca de Apuleio como mago se mantém com força igual, sendo rechaçada por Jerônimo pelo fato de que Porfírio diminui os feitos dos apóstolos classificando-os como simples maravilhas ao invés de verdadeiros milagres. Pode-se deduzir de maneira interessante que um caráter satírico é presente na fala de Jerônimo e sua fala indica familiaridade com outros textos de Apuleio, particularmente a *Apologia*.

Caminhando rumo ao cânone oriental, temos duas obras importantes: um teto em Trier com uma pintura identificada fortemente com Apuleio e um relato acerca de uma estátua de bronze erigida à semelhança dele nas Termas de Zêuxis em Constantinopla.

Com relação à pintura no teto, Erika Simon nos diz que os três filósofos presentes podem ser identificados como Virgílio, Apuleio e Heráclito.³³ A casa em que estava o teto era, muito provavelmente, de uma família solar e pagã. A fala de Simon para argumentar em favor de uma representação de Apuleio é baseada na análise da iconografia que cerca a pintura, a qual, segundo ela, faz referência ao mito de Cupido e Psiquê, colaborando fortemente para a associação com Apuleio.

Acerca da estátua das termas, o relato que a descreve chega a nós através de Cristodoro, poeta grego que descreve as termas como tendo estátuas diversas. Entre estas representações, as únicas inspiradas no universo romano são, novamente, as de Virgílio e de Apuleio.

A nossa quinta representação é de um contorniato, moeda dada como brinde no século IV d. C, representando a imagem de Apuleio. Segundo Gaisser, podemos identificar estes contorniatos como uma forma de promoção acerca das figuras relevantes para o mundo pagão romano, financiadas pela elite romana.

32 As discussões acerca destas menções estão todas presentes no texto de Gaisser, para lê-las em primeira mão, cf. GAISSER, J. H. “Apuleius: a celebrity and his image”. *The fortunes of Apuleius and the Golden Ass: a study in transmission and reception*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008. p. 1-39.

33 SIMON, E. *Die konstantinischen Deckengemälde in Trier*. Mainz: Philipp Von Zabern, 1986. p. 19-37.

A identificação com Apuleio se dá pela presença de referências imagéticas a duas obras de sua autoria: *Florida* e *Apologia*. Segundo Gaisser, a imagem é mais próxima da representação preferida por Apuleio, associando-o com a figura do deus Apolo. Esta forma de representação se aproxima às representações da figura de Cristo durante o final do século IV, também de caráter apolíneo,³⁴ uma vez que ambos são tidos como figuras que realizam milagres e que são vistas como associadas à filosofia.

Esta abundância de representações de Apuleio no século IV indica conclusivamente que há um aumento significativo de sua popularidade durante este período, embora não consigamos identificar motivações fora do seu papel como figura de argumentação nas polêmicas cristã e pagã.

A representação que nos é mais cara pela sua preponderância está presente no século V e foi eternizada nos escritos de Agostinho de Hipona, outro conterrâneo nômada que estabelece relação com ele através de uma permanência considerável na cidade natal do autor, Madaura. Este é o primeiro autor que escreve acerca de Apuleio possuindo um conhecimento considerável de pelo menos uma de suas obras, sendo esta o trabalho filosófico *De deo Socratis*.

Ao falar da figura de Apuleio, Agostinho reconhece-o como filósofo, mago e sendo representado em *Asinus aureus* pelo protagonista, Lúcio. Esse é o princípio desta identificação, que se tornará uma convenção até a Modernidade, nomeando Apuleio com o prenome de Lúcio, considerando a narrativa presente em *Metamorphoses* um relato autobiográfico, verossímil ou não. Sobre o reconhecimento dele como mago e filósofo, Gaisser escreve: “Agostinho se diferencia de seu predecessor literário em reconhecer ambas personalidades de Apuleio. Ele não une ou integra explicitamente o mago e o filósofo [...], mas ele implica uma relação necessária entre eles [...]”³⁵

A conexão destas personalidades é realizada pela refutação do conceito de *daimones* feita por Agostinho durante as longas páginas do livro *De civitate Dei*. Temos neste livro a primeira menção direta e comprovável de *Metamorphoses* como livro completo, não destacando o episódio de Cupido e Psiquê. Ao comentar e desmentir os episódios de metamorfose presentes na literatura, Agostinho cita o exemplo de Apuleio e sua “transformação em asno” presente em um livro chamado *Asinus aureus*, *O asno de ouro*. Este se tornará o nome popular do romance desde então.

34 Aqui nos referimos ao dialogismo estético entre o caráter apolíneo e dionísíaco. Sobre esta dupla antitética, cf. NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia: ou belênismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

35 “Augustine differs from his literary predecessor in acknowledging both of Apuleius’ personalities. He does not explicitly unite or integrate the magician and the philosopher [...], but he implies a necessary relation between them [...]” GAISSER, J. H. *The fortunes of Apuleius and the Golden Ass: a study in transmission and reception*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008. p. 23. Tradução própria.

Infelizmente não temos certeza se já era apelidado assim em sua terra natal por ausência de registros.

Embora seja abertamente cético acerca dos supostos poderes de Apuleio, Agostinho não se afasta completamente do pensamento de Apuleio, muito pelo contrário. Em sua *Epístola 138*, Agostinho reconhece a familiaridade dos seus pensamentos e os de Apuleio pelo fato de ambos serem nômadas. Agostinho também é o primeiro a mencionar, mesmo que rapidamente, sua biografia e o louva como filósofo.

Temos algumas figuras dentro da crítica literária que se propuseram a estabelecer o grau de influência de Apuleio em Agostinho. Bakhtin menciona, na primeira metade do século XX, que a estrutura da metamorfose em *O asno de ouro* se assemelha à estrutura dos testemunhos de fé presentes com os primeiros cristãos.³⁶ Walsh é mais ousado e argumenta que o percalço do protagonista influencia diretamente na estrutura narrativa das *Confessiones* de Agostinho.³⁷ Independentemente do nível de influência, certamente podemos afirmar que há uma ligação concreta e uma forte presença do estilo literário e pensamento de Apuleio abundante na concepção literária de Agostinho.

As menções finais e a incógnita

Após a escrita de Agostinho, a partir do século V d. C., temos um deslocamento das menções de Apuleio motivado pela ausência de produções que façam referência ao autor. Este vácuo se dá como uma derivação das invasões bárbaras em Roma e do fim da polêmica pagã. Consequentemente, a visão de Apuleio enquanto mago é minimizada, uma vez que esta leitura é demasiadamente reduzida pelo fato da maioria dos textos que se utilizaram desta visão não ter sido preservada, uma vez que era material de origem pagã. Contudo, essa imagem não perece, mantendo-se viva, mesmo que diminuta, até o século XI.³⁸

Entre os séculos V e VI d. C. ainda temos menções, representações e referências menores, embora importantes, de figuras como Macróbio, Marciano Capella, Claudiano Mamerto, Sidônio Apolinário, Prisciano e Fulgêncio.³⁹ Porém, nenhuma

36 BAKHTIN, M. “Apuleio e Petronio”. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 234-249.

37 WALSH, P. G. “Preface”. APULEIUS. *The Golden Ass*. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. i-xi.

38 GAISSER, J. H. *The fortunes of Apuleius and the Golden Ass: a study in transmission and reception*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008. p. 28-29.

outra menção é realizada fora deste recorte temporal, tendo novas elaborações apenas durante o período de conhecida circularidade, o século XIV.

Ignorando quaisquer possibilidades de outras menções, podemos acreditar que se manteve conservado dentro da biblioteca de Salústio até o século VII, sendo transferido para Monte Cassino, onde foi ignorado durante quatro séculos. Dado um certo momento, chamou atenção devido a sua menção por Agostinho e foi decididamente copiado no século XI, formando a cópia mais antiga que temos preservada, o exemplar “F”, atualmente protegido nos confins da Biblioteca Medicea Laurenziana.⁴⁰

Todavia, essa é uma explicação insuficiente para nos basearmos, e isto se dá por conta de duas inconsistências. A primeira é a incógnita do caráter estático do códice; não é justo ignorar estes quatro séculos de ausência como indicativos de pequenas mudanças. A transferência de um texto é um processo que nos escapa pela ausência de evidências, mas pode-se inferir, com um grau comedido de certeza, que deve ter sido muito mais elaborado do que apenas um simples “rearranjo geográfico”.

A segunda inconsistência refere-se à recente descoberta acerca de uma nova menção feita por um glossarista espanhol antes da elaboração de “F” e em espaço distante da península itálica. Sobre isto, nos diz Gaisser:

Pois há forte evidência de que alguém na Espanha, provavelmente em uma biblioteca monástica, teve acesso às suas obras desde o fim do século sétimo e início do século oitavo [...] nosso glossarista espanhol parece ter com ele um texto de todo o corpus restante [...]⁴¹

A presença em bibliotecas e a menção fora de espaço nos trazem inúmeras possibilidades acerca da influência de Apuleio em espaço europeu durante a Alta Idade Média. Se há um período de incógnitas acerca de sua localidade, poderíamos pensar se houve apenas uma cópia transcrita em códice em circulação, se outros mosteiros realizaram também as suas próprias cópias que circulavam regionalmente, eventualmente alcançando outras localidades. Ou, até mesmo, se Apuleio circulou pelo Mediterrâneo desde os tempos áureos que precederam a queda do império romano apenas em rolos de pergaminho.

39 Todas estas mencionadas por Gaisser, cf. GAISSE, J. H. *The fortunes of Apuleius and the Golden Ass: a study in transmission and reception*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008. p. 41-56.

40 Encontra-se disponível sob o registro Plut. 68.2.

41 “For there is excellent evidence that someone in Spain, probably in a monastic library, had access to his works as late as the end of the seventh or beginning of the eighth century [...] our Spanish glossator seems to have had a text of the entire surviving corpus [...]”. GAISSE, J. H. *The fortunes of Apuleius and the Golden Ass: a study in transmission and reception*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008. p. 58. Tradução própria.

Todavia, se não for dada a atenção necessária para este fenômeno em buscas arqueológicas e pesquisa historiográfica, estas inúmeras possibilidades poderão ser reduzidas a uma simplificação, o que seria um destino tragicamente infértil para uma obra que influiu tanta vida dentro da literatura europeia.

Podemos nos alegrar em pensar em um prospecto de futuro para estes estudos, uma vez que alguns pesquisadores têm dado maior atenção à obra. Gaisser escreve em 2008, embora não o insira com grande proeminência dentro do seu papel para a literatura ocidental, evitando as questões de relevância da prosa e da evolução cômica que o precedeu. Carver, que fez um trabalho com temáticas próximas de Gaisser, escreveu em 2007, embora também mantenha ausente a reflexão sobre o aspecto cômico e sobre as influências que moldaram Apuleio. Recentemente tivemos a publicação de artigos como “Doorways and Diegesis: Spatial and Narrative Boundaries in Apuleius’ *Metamorphoses*”, pelo filólogo Bill Beck,⁴² e “Les Métamorphoses d’Apulée: entre mondes grec et romain, un document pour l’historien?”, por Anne-Florence Baroni e Marie-Adeline Le Guennec,⁴³ além do livro *Discourse, Knowledge and Power in Apuleius’ Metamorphoses*, de Evelyn Adkins.⁴⁴

Dentro do cenário brasileiro de estudos, podemos observar elaborações como o texto de Sônia Araújo acerca da interpretação de *O asno de ouro* como metáfora sobre escravidão.⁴⁵ Também temos o artigo de Vinícius dos Santos a respeito da interpretação da violência no mesmo livro⁴⁶ e o texto de Suiany Silva que analisa as micro-relações de poder, também acerca de *Metamorphoses*.⁴⁷ Apesar de tamanha produção, a maioria se concentra em áreas de análise literária, interpretando signos e desvendando a historicidade por trás de certas representações, infelizmente com pouca atenção à possibilidade de circulação, meio sem o qual todos os escritos que temos acerca de Apuleio não estariam presentes na atualidade.

É louvável que esta nova valorização, especialmente de *Metamorphoses*, esteja tomando lugar na produção intelectual do Brasil, certamente como um demarcador de

42 Cf. BECK, B. “Doorways and Diegesis: Spatial and Narrative Boundaries in Apuleius’ *Metamorphoses*”. *Classical Philology*, v. 117, n. 4, p. 706-719, 2022.

43 Cf. BARONI, A.; LE GUENNEC, M. “Les Métamorphoses d’Apulée: entre mondes grec et romain, un document pour l’historien?”. *Cahiers d’études italiennes*, v. 35, 2022.

44 Cf. ADKINS, E. *Discourse, knowledge and power in Apuleius’ Metamorphoses*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2022.

45 Cf. ARAÚJO, S. R. R. de. “O asno de ouro: uma metáfora da escravidão”. *Phoénix*, v. 12, p. 257-278, 2006.

46 Cf. SANTOS, V. M. dos. “Violência em O asno de ouro, de Apuleio: a revelação discursivo-literária da figura do escravo de Lúcio”. *Revista Versalete*, v. 8, ed. 15, p. 119-136, 2020.

47 Cf. SILVA, S. B. “Micro-relações de poder: uma análise das atuações dos escravos em O Asno de Ouro, de Lúcio Apuleio”. *Roda da Fortuna*, v. 1, n. 1, p. 91-103, 2012.

uma postura impositiva acerca do papel do Sul global nos estudos clássicos. Expondo sua proeminência em abordar temas de pouca expressão em outros polos de conhecimento, que têm sido observados nos recentes estudos clássicos dentro do Brasil, especialmente com relação às comédias que têm sido abordadas em maior quantidade recentemente dentro da égide literária, por figuras como Fábio Paifer Cairolli e Robson Tadeu Cesila.⁴⁸ Além disso, também tem se demonstrado por meio de uma atenção historiográfica às expressões populares e periféricas, como é o caso de Júlio César Magalhães de Oliveira, José Geraldo Costa Grillo e Pedro Paulo Abreu Funari.⁴⁹

Temos atualmente apenas duas edições de *Metamorphoses* no mercado editorial nacional de lançamento recente, uma publicada em 2019,⁵⁰ que utiliza de uma tradução clássica de Ruth Guimarães, realizada originalmente em 1963,⁵¹ e outra com tradução desenvolvida por Sandra Braga Bianchet em 2020.⁵² O renovado interesse pela obra talvez seja motivado pelos novos espaços para reinterpretção do papel feminino dentro da literatura romana, especialmente, desde os últimos vinte anos, o cenário acadêmico brasileiro, uma vez que houve o surgimento de maiores espaços de intersecção entre os estudos clássicos e os estudos de gênero, sendo este um movimento importantíssimo para uma maior exposição de textos como *O asno de ouro* a um grupo numericamente superior de interessados, leitores e possíveis pesquisadores.

Se faz justo acreditar que *Metamorphoses*, como objeto histórico-literário, se mantém como um dos grandes aspectos a serem explorados no futuro próximo, realizando uma conexão evidente entre duas formas correlatas de analisar o romance. Feito isto, será possível que se estabeleça um contexto próprio para sua produção e conectá-lo definitivamente com os movimentos do século I d. C. dentro da península itálica, o que ajudaria bastante a formação de interconexões mais complexas acerca da história da comédia, como almejou realizar Stott.⁵³

É interessante tratar de Apuleio ao considerar seu papel como um artífice de grandioso valor para a perpetuação da comédia enquanto expressão da cultura popular

48 Cf. CAIROLLI, F. P. *Marcial brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. e; CESILA, R. T. *O palimpsesto epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de Bilbilis*. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

49 Cf. OLIVEIRA, J. C. M. de. "O 'clamor do pobre' e o 'poder do povo': pobreza, cidadania e ação coletiva nas cidades da África Romana Tardia". *Varia Historia*, v. 29, n. 50, p. 383-393, 2013. e GRILLO, J. G. C.; FUNARI, P. P. A. *Arqueologia clássica: o cotidiano de gregos e romanos*. Curitiba: Prismas, 2015.

50 Cf. APULEIO. *O asno de ouro: edição bilingue*. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.

51 Cf. APULEIO. *O asno de ouro*. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.

52 Cf. APULEIO. *As metamorfoses de um burro de ouro*. Trad. Sandra Baraga Bianchet. Curitiba: Appris, 2020.

53 Refiro-me aqui ao livro *Comedy*, no qual Stott desenvolve uma possível história da comédia, embora tenha certa dificuldade em realizá-la. Para mais, cf. STOTT, A. *Comedy*. Nova York/Londres: Routledge, 2000.

e sua faceta dentro de um meio erudito e com estrutura erudita, este meio sendo a literatura e a estrutura a prosa. É importante lembrar que os únicos textos, fora as *saturae*, que utilizavam prosa eram escritos filosóficos, legislativos ou de exposição crítica, historiográfica, entre outras. Ou seja, era um estilo de escrita virtualmente exclusivo do meio dos estudos e utilizado pelos estratos de maior poderio social e cultural dentro da sociedade greco-romana.

A partir da compreensão desse fenômeno, todos os outros temas correlatos tornam-se gradualmente mais abundantes para exploração. Se dada a devida atenção ao processo que possibilitou nossos estudos, é possível acreditar num futuro fértil para a compreensão, estudo e interpretação da obra de Apuleio.

Conclusão

Apesar de ser um romance de extensa importância para a história da literatura ocidental, *O asno de ouro*, de Apuleio, se mantém sem grandes espaços para se projetar enquanto tal devido a uma falta de atenção ao seu conteúdo. Esta situação está em vias de mudança, graças aos estudos recentes que têm revalorizado o texto, mas, sobretudo, graças a uma demanda de produção, tendo em vista a presença de uma ignorância perante o processo de transmissão do texto e de sua circulação durante este processo.

É possível compreender que tal processo está se renovando e que o texto tem tido relativa atenção por conta de produções recentes, o que facilitaria uma maior atenção ao seu processo histórico. Todavia, devido à concentração de seus estudos serem pouco abrangentes fora do âmbito da crítica e teoria literária, muito do seu potencial enquanto fenômeno dentro da história da literatura é pouco explorado, fazendo com que corra o risco de se manter concatenado dentro da égide literária, empobrecendo suas possibilidades de estudo.

Uma visão na qual fossem unidos os elementos de análise histórico-literária, a fim de analisar os dois conjuntos de forma convergente parece demandar maior atenção. O lugar de Apuleio dentro do contexto imperial romano do século II d. C. tem sido negligenciado por muito tempo, parecendo-nos uma produção esparsa e afastada da produção cômica propriamente romana que é presente no século I d. C. Se faz necessária maior investigação acerca desta conexão, por exemplo.

Apuleio, homem de Madaura, nos traz uma visão diferente da comicidade atual. Enquanto pensamos as produções atuais, sejam elas narrativas jocosas, filmes cômicos, *stand up* ou outras diversas formas, nenhuma manteve o caráter de comédia perene que

esteve presente em Apuleio. Sua nuance desde o riso de satisfação, ao vermos a felicidade de Lúcio enquanto sacerdote de Ísis, até a gargalhada, perante o incidente da festa do deus Risus e os três odres de vinho assassinados, são indicativos que demonstram a sua versatilidade de caráter cômico, característica que se perdeu no decorrer da tradição cômica.

Ele pode não ser risível em toda a sua narrativa, mas mantém um equilíbrio que o torna único. Apresenta ao leitor uma moral coerente e simultaneamente controversa, as misturas de elementos antitéticos presentes na narrativa a tornam interessante e universal. O elemento da *satura* é presente nele de forma que não é vista em nenhuma outra comédia anterior a sua produção. Ele pode tê-la ignorado na estrutura, atendo-se à prosa, mas com relação às diferentes formas do risível, *Metamorphoses*, mais do que qualquer outra obra cômica, consegue alcançar as mais diversas formas dessa expressão. Isso fazendo com que venha a ser, muito possivelmente, a comédia de maior realização, felizmente preservada em sua integridade até nós.

Neste ínterim, o estudo de sua transmissão e circulação se põe como uma possibilidade que demanda interesse. Podemos claramente observar que há base suficiente para denotar esta circulação, embora não tenhamos os meios materiais para comprová-la. É completamente coerente que tal texto tenha circulado, e as possibilidades derivadas de tal hipótese poderiam nos ser de surpreendente valor, a ponto de ressignificar o decorrer da história da literatura e do teatro, se fosse possível expandir os leques das pesquisas em prol de maior profundidade de interesse em sua transmissão. No momento, é necessário chamar a atenção de pesquisadores para que esta revalorização venha a se metamorfosear em um meio concreto de estabelecer uma maior percepção dentro da academia, tornando *O asno de ouro* em um livro a ser eternizado nos anais da história humana.